

Thomaz Pompeo de Sousa Brasil e a crítica ambiental no Ceará (1840-1880)

JOSÉ ROMÁRIO RODRIGUES BASTOS*

A sciencia e a arte, diz Barbant, acceleram o trabalho util, refazem o clima, cream o solo. A natureza dá e exige ao mesmo tempo. Tratei, pois, Senhores, dos meios de activar e desenvolver a industria

Joaquim Villela de Castro Tavares, 1853.

Por vezes temos chamado a atenção dos habitantes desta província, e dos poderes publicos para os terríveis effeitos da devastação de nossas matas, que a ignorância, e sobre tudo o egoismo, e indifferença para com as gerações futuras vão todos os dias reduzindo, e quasi aniquilando.

Thomaz Pompeo de Sousa Brasil, 1859.

A natureza no Ceará oitocentista

Em fevereiro de 1859 chegam às terras do Ceará os principais membros da Comissão Científica de Exploração, advindos da Corte, com a missão de expandir o conhecimento daquilo até então desconhecido e distante, presente principalmente nas Províncias do Norte. Por meio da observação, descrição, catalogação e recolhimento daquilo desconhecido pelo Imperador, a referida Comissão tomava nota das paragens cearenses, sobretudo da natureza.

Também em 1859, no mês de dezembro, Thomaz Pompeo de Sousa Brasil reúne artigos de sua autoria divulgados no jornal *Cearense* publicando em Fortaleza o livro *Memória sobre a conservação das matas, e arboricultura como meio de melhorar o clima da província do Ceara*. O autor preocupa-se, sobretudo em refletir sobre as condições da natureza cearense, apontando medidas urgentes a serem adotadas.

Nessa mesma década, os presidentes da Província relatam a urgente necessidade de se fomentar as culturas do algodão e café nas terras cearenses, principalmente nas serras. É revelador perceber a intenção dos chefes políticos do Ceará sobre tal questão: “Podeis facilmente avaliar quanto ganharia a província, se, em vez de se limitar a plantação do café às serras de Maranguape, se estendesse às de Baturité, Serra-Grande...” (REGO, 1852: 18).

A legislação de Villa da Telha (hoje município de Iguatu) orientava aos proprietários deste município que “serão obrigados... a plantar arvores ao redor dos seus açudes, ou lagôas... devendo serem daquellas que produzem sombra, e de mais prompto

* Universidade Federal do Ceará, Mestrando em História Social. Bolsista CAPES.

crescimento, como cajueiros, genipapeiros, cajazeiras...” (OLIVEIRA; BARBOSA, 2009:149).

Percebe-se, portanto, que durante o século XIX, a natureza ocupava os principais lugares de debates do Ceará. Note-se o esforço de intelectuais, políticos locais e da corte, viajantes e cientistas em conhecer e discutir a natureza cearense desde o início do século, uma vez que João da Silva Feijó iniciou suas pesquisas sobre os minérios cearenses nos primeiros anos oitocentistas. Cite-se ainda os olhares atentos e científicos de Henry Koster, Louis François de Tollenare e George Gardner para o reforço da existência de inúmeras pesquisas onde nota-se a natureza sendo objeto de estudo segundo as leituras científicas do período. (PAIVA, 2002:40)

Portanto, a natureza preencheu por demais, de variadas formas, os debates científicos e políticos desta província. Vários documentos apontam para preocupações diversas em torno do “mundo natural”¹. Todavia, é importante pensar que a natureza há muito vinha sendo discutida, analisada e pesquisada, sobretudo com a credibilidade que a ciência racional adquiriu na era moderna.

Vários cientistas decidiram empreender estudos a fim de buscar entender a complexidade que cerca o mundo natural, principalmente quando as sociedades sofriam impactos diretos de fenômenos ditos naturais, sendo, portanto, necessária a investigação de tais acontecimentos objetivando conhecê-los, e assim, evitá-los. Dessa forma, a natureza ocupa mais intensamente os estudos dos homens sedentos por explicações racionais que dessem conta da totalidade até então inexplicável do universo natural.

Vivia-se um século que primava pelo pensamento científico. Herdeiro dos princípios investigadores dos setecentos, o século XIX pode ser apreendido como a consolidação das leis racionais e científicas, onde percebe-se a institucionalização de algumas disciplinas pautadas pela investigação que exigia a acumulação, sistematização e articulação dos objetos estudados. Após esses procedimentos, passava-se às análises

¹ A respeito do avanço considerado de estudos investigadores do mundo natural Keith Thomas sugere que na Inglaterra “Membros de uma fraternidade científica europeia mais ampla, foram eles [ativos naturalistas do período Tudor] que, com seus trabalhos em série – nas pesquisas de plantas, na enumeração e descrição de criaturas selvagens e na correspondência com os naturalistas continentais – , lançaram os alicerces da botânica, da zoologia e da ornitologia modernas, bem como das outras ciências da vida.” Para maior profundidade e reflexão sobre a temática ver: THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

que explicassem questões suscitadas há muito, manifestando a busca pela racionalização que geraria o progresso.

Alexander Von Humboldt realizador de um número considerável de viagens pelos variados continentes visando ao conhecimento de plantas, animais, besouros, homens, entre outros elementos; objetivando a classificação, científica e também artística da natureza desconhecida afirmava que

Os detalhes da história das ciências somente são úteis quando se reúne e sistematiza, porque a acumulação dos fatos isolados seria de uma aridez fastidiosa se a investigação não se fizesse com algum propósito de articular os progressos das ciências em marcha das civilizações. (DOMINGUES, 2001:58-59)

Tomando por exemplo a noção de investigação externada pelo viajante alemão notamos que a natureza passa a ser analisada principalmente através das viagens que por sua vez vão se afirmando como uma atividade legitimadora do alcance do conhecimento, ainda mais quando o objeto de estudo é a natureza, presente no mundo inteiro com características desconhecidas, sendo portanto merecedoras de investigações cuidadosas, minuciosas, fiéis ao real.²

Além das influências do romantismo através de Homboldt entre os que demonstravam preocupações com a natureza no Brasil, notamos as influências das idéias da economia da natureza e da fisiocracia. Tais formas de perceber a natureza são divergentes. Para os adeptos das teorias fisiocráticas a natureza era vista como fonte de riqueza, sobretudo a agricultura. Deriva-se desse pensamento a necessidade de se observar a natureza para melhor aproveitá-la, posto que a riqueza tão almejada por todas as nações seria oriunda de uma produção agrária bem planejada.

No entanto, a fisiocracia não demonstrava maiores preocupações com a possível finitude dos recursos naturais. Nesse sentido, outra forma de pensamento, a teoria do dessecamento – fruto de transformações de pensamentos oriundas da

² Sobre as intenções de minuciosidade da representação da natureza observada por Von Humboldt é bastante profícua a discussão que Claudia Valladão de Matos estabelece sobre a divulgação das pesquisas do naturalista alemão: “Para os diferentes segmentos climáticos que explorara em sua viagem pelo continente americano, portanto, o autor procurava compor no livro uma “pintura”, um “quadro” que colocasse “diante dos olhos do leitor” a Natureza tal como ela aparecia em sua totalidade nos sítios visitados, com sua organização específica e em toda sua vivacidade.” Ver: MATTOS, Claudia Valladão de. A pintura de paisagem entre arte e ciência: Goethe, Hackert, Humboldt. In: **Terceira Margem: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, Ano IX, nº 10, 2004. Pág. 152.

economia da natureza, onde esta era vista como um ser dinâmico e que portanto precisava de um equilíbrio – lançou questões mais contundentes referentes à relação dos fenômenos climáticos e a ação humana. (PÁDUA, 2004:47)

O olhar de Thomaz Pompeo sobre a natureza do Ceará

As intenções de classificação e sistematização dos dados coletados era uma urgência de todo recanto desejoso por progresso. A ciência proporcionava, então, uma iluminação das nações detentoras do objetivo da modernização, principalmente quando não se conhecia, em dados reais, aquilo se tinha. A estatística já possuía a característica fomentadora do saber entre os Estados que objetivavam a modernidade e o progresso. O Ceará, até meados do XIX, não contava com quadros estatísticos sobre assuntos vários, necessários tanto à administração política quanto ao próprio desejo de muitos intelectuais.

Nesse sentido o governo da província do Ceará em 1855 autoriza Thomaz Pompeo de Sousa Brasil realizar a estatística do Ceará atentando para “vasto quadro das riquezas naturais da província, as propriedades de seu solo, das forças de sua agricultura, comércio e indústria...”(PEREIRA, 1864:29). O produto final das pesquisas é publicado em 1863 – *Ensaio estatístico da Província do Ceará* – revelando as características cearenses de forma “racional e científica”.

Destarte, ao analisar as formas pelas quais a natureza aparece nos diversos documentos sobre o século XIX nota-se a ocorrência de diferentes leituras à respeito do ambiente natural presente nos espaços de debate e divulgação de pensamento do Ceará. Percebe-se diferentes produções de sentidos em torno das leituras da natureza cearense.

Estudar a natureza do Ceará a partir de tais leituras sugere um esforço de entendimento daquilo que se compreendia por natureza na época em questão. É notória a divergência entre intelectuais, naturalistas e políticos, uma vez que algumas medidas tomadas pelos governos, são duramente criticadas nos espaços de divulgação de pensamento. Se por um lado o Governo discute na Câmara medidas necessárias à expansão da cultura do algodão, Thomaz Pompeo culpa justamente a cultura do algodão como um dos fatores mais decisivos para a derrubada das matas cearenses (BRASIL, 1859:17-18). Tem-se, portanto, um dissenso: cultivo e preservação, economia e estabilidade, presente e futuro revelam embates entre as diferentes leituras da natureza.

Outra contradição bastante importante: técnica e preservação. Ao lado das medidas de cariz econômico, reduzidas à técnica e a, principalmente, projetos políticos; existe um discurso que externa preocupação com o futuro, com a preservação da mata nativa, com os efeitos do cultivo de um produto sobre o clima da província:

A cultura do algodão, que se começou ali [serra de Uruburetama] desde o principio deste século em maior escala, fez desguarnecer as faldas da serra, descobriu as fontes mananciaes, e agora foi desaparecendo por muitas partes, e redusindo os poucos correntes que restão para mais tarde tambem desaparecerem de todos. O que aconteceu na Uruburetama, succedeo nas serras visinhas desta capital, Maranguape, Aratanha, Jubaia, Acarape, e Baturité; e até nos allagadiços de nossas praias (BRASIL, 1859:18).

Nesses embates, percebem-se como os sujeitos constituem seus modos de existir em sociedade: um mesmo elemento, a natureza, é apropriado e ressignificado por diferentes sujeitos.

Como pode ser notado, dentre vários outros nomes do saber que entendem a natureza como algo fundamental, preocupando-se com os recursos naturais e se embrenhando em ambientes de estudo, de pesquisas e discussões encontra-se os escritos de Thomaz Pompeo de Sousa Brasil. Um intelectual, ligado à política liberal, ocupante de cargos públicos, interessado pela temática da natureza. Operou inúmeras pesquisas, publicou vários trabalhos, combateu projetos defendidos por muitos políticos, debateu com outros pensadores do assunto, ganhou notoriedade para além das fronteiras do Ceará (GIRÃO, 1967:16).

Dessa forma, ao tomar como objeto de estudo a leitura que Thomaz Pompeo realizava da natureza como se vê em seu esforço de debate e divulgação de seu pensamento pode-se tecer investigações à respeito das concepções de natureza existentes à época. Isso porque o pensamento não pode ser tomado de forma isolada, desconectado das relações sociais que marcam os indivíduos, dos conflitos e tensões que marcam os sujeitos históricos. Estudar, portanto, a natureza que se via, se queria e se defendia, é estudar as diferentes produções de sentidos dos intelectuais desejosos de legitimarem seus lugares na sociedade em que viviam.

Agricultura e preservação

O artigo 20 da lei 780 de 25 de agosto de 1856 para a cidade de São Bernardo (hoje Russas) expunha que “toda pessoa que se achar perto de qualquer matto ou pasto incendiado, é obrigado a extinguir o incêndio, ainda que para esse fim não tenha sido

chamado” (OLIVEIRA; BARBOSA, 2009:34). O relatório do presidente da Província aponta em 1853 que

[...] é a agricultura, que convem principalmente animar e proteger, e que todo o esforço que se tivesse para deslocar os capitais dos ramos de industria, que offerecem mais vantagem, seria sobre modo prejudicial. Animai a agricultura, mutiplicai-lhe os productos, que tereis o commercio em grande escala, e vereis a industria manufactureira crear-se como por encanto, e a provincia sair do atraso em que está surgir á opulência (REGO, 1853:63).

Na mesma década, Thomaz Pompeo de Sousa Brasil afirma que as medidas adotadas no campo da agricultura são de “perigo ao futuro de nossa bella província com o systema irracional do roteamento das matas, e incendio dos nossos campos pelo sertão” (BRASIL, 1859:10). A natureza é encarada de forma diferente. Os Códigos de posturas revelam preocupações com incêndios, queimadas, prejudiciais às plantações. O Presidente de Província em seu relatório afirma a urgência da expansão da agricultura no Ceará. O intelectual Pompeo imbuído das teorias científicas de sua época e partindo das constatações oriundas de suas pesquisas, lança críticas ao sistema de agricultura adotado pela província. Percebe-se as diferentes orientações teóricas (e práticas) dos sujeitos frente a utilização da natureza no Ceará. Noções fisiocráticas são confrontadas com as esboçadas pela teoria do dessecamento, as últimas de fendidas sobretudo por Thomaz Pompeo:

Por toda parte onde o machado do agricultor, ou lenhador emprevidente tem devastado as matas, a esterelidade do terreno, a sequidão da athmosfera, o abandono, e a solidão dos campos tem substituído a antiga abundancia, riqueza, e população. E entre nós, dizia um illustre sábio em Pernanbuco, no seio deste Brasil tão novo, não será a destruição das matas pelos lavradores de algodão que devemos atribuir essas seccas terríveis, que devastão as províncias do norte? (BRASIL, 1859:9)

É notória a orientação de Thomaz Pompeo, onde o cuidado prudente com a natureza é necessário a um futuro promissor da Província. Em seus discursos, nota-se a junção de características presentes no discurso ambiental no Brasil da Colônia e do Império. Preocupações da fisiocracia, da teoria do dessecamento e do romantismo científico fundem-se em seu pensamento, formulando uma postura ideal e correta para se manejar a natureza do Ceará.

Thomaz Pompeo reúne seus artigos publicados no jornal *Cearense* e intitula-os de “Memória sobre a *conservação* das matas, e arboricultura como meio de melhorar o

clima da província do Brasil”³. Nessa mesma década, o Código de Posturas para o município Villa da Telha ordena que “É proibido aos proprietários deste município derrubar, ou consentir derrubar em suas terras arvores frondosas, salvo o caso de reconhecida necessidade...” (OLIVEIRA; BARBOSA, 2009: 149).

Desde seu estabelecimento na terra o homem, parte do ambiente, empreendeu meios que levaram a alteração do espaço em que vivia. Com o surgimento de sociedades mais complexas, possuidoras de hierarquias e sobretudo, de sociedades pautadas por lógicas racionais, as transformações da natureza vão se intensificando. Daí, pode ser notada a constante ação dos homens em relação à natureza. Transformação de paisagens, abertura de estradas, transposição de águas fluviais, construção de açudes e represas, reflorestamento, enfim, várias intervenções reveladoras da constante modificação da natureza em face da ação humana. Cite-se as Escolas de Agronomia, os Cursos de Botânica e História Natural, onde a natureza passa a ser alvo de estudos científicos, apresentando-a, com o auxílio do homem, como benfeitoria da humanidade.

Todavia, não se pode esquecer que tais técnicas representam a prevalência de um determinado grupo sobre outro. Não se pode apreender as obras técnicas como fruto da vontade total de uma sociedade; é preciso não perder de vista os outros projetos existentes, e, por vezes, derrotados. No Ceará oitocentista, são várias as intenções que se confrontam em torno das transformações da natureza. Principalmente quando entra-se em um outro ponto que envolve a natureza do Ceará bastante discutido durante essa época: a seca e seu enfrentamento.

A seca e suas implicações na sociedade cearense

Para além das observações dos indivíduos, sobretudo os mais desprovidos de recursos, em momentos de seca, onde se cria um amplo aparato de divulgação desse fenômeno que pode ser notada uma espécie de mobilização, sobretudo preocupada com fome, doença, desespero, migrações, etc.; a intenção é entender como a natureza aparece classificada nesses momentos de estiagem, as explicações existentes, os projetos dado como necessários ao seu combate e os indivíduos responsáveis por essas propostas.

³ Grifo nosso.

Como é sabido, no ano de 1877, o Ceará viveu um longo e doloroso período de estiagem. Novamente, Thomaz Pompeo é um dos que lideram os debates em torno da ocorrência da seca; nesse mesmo ano, publica outro trabalho intitulado “Memória sobre o Clima e Secas do Ceará”. Os jornais da capital lançam reportagens sobre a estiagem e seus efeitos. O Instituto Politécnico reúne-se para “discutir os processos mais econômicos de realizar o projeto do Dr. Gabáglia, destinado a melhorar as condições naturais da província do Ceará...” (INSTITUTO POLITÉCNICO, 1877: 144). Vê-se, portanto, uma ampla mobilização em torno da discussão da seca, suas causas e seus efeitos. O fenômeno é enfrentado a partir do veio científico, as críticas tanto ao governo local como central são inevitáveis.

O jornal “*O Retirante*” auto-proclamado “*Orgam das victimas da secca*” que vinha a público aos domingos, tecia duras críticas ao modelo de enfrentamento da seca por parte dos governantes. Ao mesmo tempo que relatava um quadro de morte, doença e fome das maiores vítimas da seca, denunciava as práticas dos políticos, intelectuais e técnicos que pouco faziam para melhorar a situação dos flagelados. “O engenheiro Perlevee já montou também seu escriptorio, e tem zelador d’elle vencendo dois mil réis diários, em quanto o povo tiritita ao redor, de fome e frio!”⁴. Diante disso, a técnica é questionada diante da urgência do socorro aos milhares de famintos. À medida que a seca vai acontecendo as notícias são reproduzidas e aparecem também projetos em torno do enfrentamento do problema.

No calor da estiagem, *O Retirante* transcreve um artigo sugerindo a “correção” da natureza a partir da construção de açudes e plantações de árvores próprias do Brasil.⁵ No mesmo ano, Thomaz Pompeo indica que é preciso o “melhoramento do clima pelos esforços humanos” (BRASIL, 1877:24).

Vê-se, portanto, que para um melhor aproveitamento da natureza é preciso utilizá-la com cuidado e rigores científicos. Nota-se a relação do aumento das alterações climáticas – que proporcionam maiores momentos de estiagem – com a atitude humana. Nesse sentido, o projeto de sociedade esboçado nos escritos de Thomaz Pompeo passa pela “correta” relação com o ambiente, para esse intelectual, uma província só alcançaria o progresso quando soubesse utilizar de forma certa os recursos naturais

⁴ *O Retirante*. 02/09/1877, Pág. 01.

⁵ *O Retirante*. 24/10/1877, Pág. 03.

disponíveis. Para o Ceará, onde a seca era motivo de atraso e flagelo de sua população, a preocupação teria que ser ainda maior, sendo, portanto, urgente as mudanças da relação dos homens com a natureza.

Todas essas questões sugerem o papel preponderante da natureza nos projetos de sociedades pensados no século XIX. O Ceará, para ser dotado de ares modernos, e caminhante para o progresso teria que necessariamente saber lidar com a natureza de forma correta e científica, tais formas foram, em demasia, a preocupação do intelectual-político Thomaz Pompeo de Sousa Brasil.

Fontes de pesquisa

Site: <http://books.google.com> (Acesso em 16/03/2010)

I. **Livro:** BRASIL, Thomaz Pompeo de Souza. **Compendio Elementar de Geographia Geral e especial do Brasil**. Rio de Janeiro: Editores Eduardo & Henrique Laemmert, 1864. 4ª ed.

Site: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/ceará> (Acesso em 10/04/2010)

I. Relatório dos Presidentes da Província do Ceará (1830-1930).

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Silvio Fróes de. A comissão científica de 1859. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1919. Tomo 33; Pág. 196-207.

BARROSO, José Parsifal. Consciência Geográfica. In: **Aspectos**. Fortaleza: Publicações da Secretaria de Cultura do Ceará, 1968. n° 2; ano II.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

_____. Plantas do Ceará. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1955. Tomo 69; Pág. 100-119.

CAMPOS, Eduardo. **A invenção do discurso ambiental**. Fortaleza: Casa José de Alencar – UFC, 1998.

CARVALHO, Alfredo de. Minas de ouro e prata no Brasil oriental. Explorações holandesas no século XVII. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1906. Tomo 20; Pág. 96-111.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. (org) **Nação e cidadania no Império: novos horizontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2002.
- CORTEZ, Natanael. O Ceará e o seu algodão. In: **Revista da Academia Cearense de Letras**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1954. n° 26; ano 58.
- DOMINGUES, Heloísa M. BERTOL. Viagens científicas: descobrimento e colonização no Brasil no século XIX. In: HEIZER, Alda; VIEIRA, Antônio Augusto Passos (Orgs.). **Ciência, civilização e império nos trópicos**. Rio de Janeiro: Access, 2001.
- FONTANA, Josep. **Introdução ao estudo da história geral**. São Paulo: EDUSC, 2000.
- GAY, Peter. **O Coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Feud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GIRÃO, Raimundo. **Aspectos**. Fortaleza: Publicação da Secretaria de Cultura do Ceará, 1967.
- HEIZER, Alda; VIEIRA, Antônio Augusto Passos (Orgs.). **Ciência, civilização e império nos trópicos**. Rio de Janeiro: Access, 2001.
- KEHLMANN, Daniel. **A medida do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MATTOS, Claudia Valladão de. A pintura de paisagem entre arte e ciência: Goethe, Hackert, Humboldt. In: **Terceira Margem: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, Ano IX, n° 10, 2004.
- NOBRE, Geraldo da Silva. **João da Silva Feijó: um naturalista no Ceará**. Coleção Estudos Cearenses, vol. 10. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1978.
- PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- PAIVA, Melquíades Pinto. **Os naturalistas e o Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002.
- _____. Algumas considerações sobre a fauna da região semi-árida do Nordeste brasileiro. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1974. Tomo 88; Pág. 187-205.
- _____. Primórdios da zoologia no Nordeste brasileiro. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1985. Tomo 99; Pág. 92-113.
- PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Comissão das borboletas: a ciência do Império entre o Ceará e a Corte (1856-1861)**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.
- RICOTTA, Lúcia. **Natureza, ciência e estética em Alexander Von Humboldt**. Prefácio de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.